

**POR QUE
ESTUDAR
ECONOMIA?**

Amostra

POR QUE ESTUDAR ECONOMIA?

Fabio Giambiagi

*Autor de A vingança
de Tocqueville*

Arlete Nese

*Especialista em
Previdência complementar
e Private equity*

**Conversas
sobre a profissão**



ALTA BOOKS

GRUPO EDITORIAL

Rio de Janeiro, 2025

Por que Estudar Economia

Copyright © 2025 STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.

Copyright © 2025 Fabio Giambiagi e Arlete Nese

ISBN: 978-85-508-2863-3

Alta Cult é um selo do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria LTDA.).

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G493p

Giambiagi, Fabio

Por que estudar economia? / Fabio Giambiagi,
Arlete Nese. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Alta Books, 2025.
272 p.; il.; 15,7 x 23 cm.

Inclui referências.

ISBN 978-85-508-2863-3

Economia. 2. Profissão de economista. 3. Educação em
economia. I. Nese, Arlete de Araujo Silva. II. Título.

CDD 330

Índice para catálogo sistemático:

Economia: estudo e profissão – 330

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra foi formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Editor da Obra: J.A. Ruggeri

Vendas Governamentais: Cristiane Mutús

Produtora Editorial: Rita Motta



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br



abdr
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
DIREITOS REPRODUTIVOS

ASSOCIADO



Editora
afiliada à:

“Eu suspeito que qualquer vida humana, por mais complexa que seja, conta na realidade de um momento: aquele em que o ser humano sabe para sempre quem ele é”.

(Jorge Luis Borges)

Amostra

Sumário

Apresentação	1
Prefácio	7
1. PARA ENTENDER O MUNDO	12
2. PARA ENTENDER O BRASIL	32
3. PARA ENTENDER A ECONOMIA	61
4. PARA LIDAR BEM COM NÚMEROS	87
5. PARA APRENDER A PENSAR MELHOR	114
6. PARA APRENDER A SER VERSÁTIL	137
7. PARA SER “MULTITAREFAS”	161
8. PARA ENCARAR A IA	179
9. PARA APRENDER A SER O “ADVOGADO DO DIABO”	198
10. PARA CAIR NA VIDA	226
Notas	251

Amostra

Apresentação

Na época do final da nossa adolescência e primeiros passos na juventude, a muitos daqueles que tinham a vaga intenção de fazer Economia lhes era presenteado o livro “História da riqueza do homem”, de Leo Huberman. Quem digita no *Google* o título se defronta com esta explicação, referente à versão atualizada de 2010: “Uma visão dupla: a história pela teoria econômica e a teoria econômica pela história. Uma inter-relação importante e necessária. Assim, Leo Huberman traz o desenvolvimento da sociedade humana impulsionado por sangue, revoluções, traições e pactos selados. Um clássico de Economia que não causa bocejos, o livro ‘História da Riqueza do homem — Do feudalismo ao século XXI’ cobre a Idade Média até o nascimento do nazifascismo, a saga da economia mundial e apresenta dois capítulos assinados pela historiadora Marcia Guerra sobre a nova era iniciada pela Segunda Guerra Mundial. Dessa forma, Huberman tenta explicar, em termos de desenvolvimento das instituições econômicas, por que certas doutrinas surgiram em determinado momento, como se originaram na própria estrutura da vida social e como se desenvolveram, modificaram e foram ultrapassadas ao mudarem os padrões daquela estrutura. Com temas que envolvem o Estado de

bem-estar social, capitalismo e indústria, este livro provoca uma visão ampla e profunda da história e da economia”.

Leo Huberman foi um escritor norte-americano, nascido em 1903 e falecido em 1968 e a versão original do livro data de 1936, curiosamente o mesmo ano da publicação da “Teoria geral do emprego, do juro e da moeda”, de John Maynard Keynes, que iria revolucionar a forma de pensar a macroeconomia e talvez o livro mais influente de economia escrito no século XX. Já Huberman era um professor assumidamente marxista, posteriormente nomeado Chefe do Departamento de Ciências Sociais da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos.

A passagem do tempo, a ruína do marxismo após o colapso da União Soviética no final da década de 1980/começo da década de 1990 e o viés ideológico do referido autor levaram à procura de outras alternativas para tentar explicar a um jovem curioso de 16 ou 17 anos, que tem que escolher o que fará da sua vida, “o que é, afinal, a economia”.

No Brasil, nesse contexto, vários anos atrás, Gustavo Franco escreveu para a editora Campus o excelente “Cartas a um jovem economista”, parte de uma “biblioteca para estudantes às portas da Universidade”, em que diferentes personalidades escrevem suas respectivas “Cartas a um jovem” nas suas áreas de atuação. Assim, Ivo Pitanguy escreveu o livro “Cartas a um jovem cirurgião”, Fernando Henrique Cardoso “Cartas a um jovem político”, Bernardinho “Cartas a um jovem atleta”, Marília Pera “Cartas a uma jovem atriz”, o conceituado Francisco Mussnich “Cartas a um jovem advogado”, etc. No caso do Gustavo, no passeio pela história prática e das ideias que é seu livro, os títulos dos capítulos (“Minha introdução à economia”, “Da torre de marfim para Brasília”, “O

sonho de qualquer economista”, “A mãe de todas as polêmicas”) mostram como suas reflexões se misturam muito com a notável experiência de vida, muito particular, que ele viveu, passando de ser um jovem e promissor PhD nos EUA a um dos “pais do Real” em muito pouco tempo.

Anos depois, um dos autores deste livro escreveu um livro com o próprio Gustavo Franco, a rigor um livro sobre *quotations* (epígrafes), “Antologia da maldade”, que depois veio a ter um *bis* com um “livro 2” com novas frases. Livros sobre *quotations* são um pouco como os restaurantes de uma cidade: há muitos, mas sempre cabe mais um. Apenas o autor tem que dar à apresentação uma “pegada” diferente, assim como o enésimo restaurante que for aberto no Rio ou em São Paulo precisa explicar ao candidato a frequentar ele porque o seu local é diferente dos outros.

De certa forma, esse mesmo desafio vale para este livro. A obra de Huberman teve seu papel no mundo mais romântico do passado, antes das frustrações que trouxe o “socialismo real” e, no Brasil, Gustavo foi pioneiro nessa tentativa de convencer um jovem com a vida pela frente a escolher a Economia. Nada impede, porém, ter uma abordagem diferente para a mesma questão: como levar um indivíduo que está saindo do ensino médio e vê a vida adulta chegar a passos agigantados, a escolher bem a profissão — e fazê-lo com um melhor conhecimento de causa.

Economistas costumam ser parte do debate nacional e, muitos deles, estão cotidianamente opinando sobre os assuntos do momento. Como as opiniões frequentemente divergem, Roberto Campos (o avô do ex-presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto) costumava dizer, em tom de brincadeira, que “reuniões de economistas produzem mais calor que iluminação”.

Os temas econômicos, porém, vão muito além dos comentários sobre a inflação do mês ou o melhor palpite para a próxima reunião do Comitê de Política Monetária (COPOM) do Banco Central, assuntos que todos os meses geram algumas entrevistas na televisão ou nos jornais.

Um jovem que escolhe fazer Medicina sabe o que terá pela frente. Quem escolher cursar Arquitetura também tem uma ideia muito precisa do que lhe espera. Não é o caso da Economia, espaço do conhecimento que se presta a muitas interpretações quando dela não se conhece nada, a não ser a percepção difusa de que se trata de algo que, de alguma forma, tem a ver com o cotidiano de todas as pessoas.

A adolescência e os primeiros anos da juventude se caracterizam por certas características ligadas à ansiedade desde que o ser humano começou a habitar a face da Terra. O grupo argentino de rock “Sumo”, criado em 1982, tem uma estrofe famosa da sua canção “*Lo quiero ya*”, que diz “não sei o que eu quero, mas eu quero já”. No caso específico da escolha da profissão, porém, como essa decisão afetará a vida da pessoa pelos 40 anos seguintes, é melhor “matutar” bastante acerca da opção de carreira a ser feita.

Nesse sentido, se conseguirmos que um jovem, tendo que escolher a carreira, a) saiba que o presente livro existe, b) compre ele, c) comece a lê-lo e d) chegue até o final, nosso objetivo terá sido cumprido. Se, em função da sua leitura, tivermos dado a ele uma certa noção do que encontrará pela frente, poderá fazer sua opção acerca de se cursar ou não uma Faculdade de Economia, com melhor conhecimento de causa do que antes do livro. Estando mais ciente do que a economia é, ele tomará, então, a sua decisão. Lembremos aqui a frase de Borges da nossa epígrafe: o jovem

precisa “saber para sempre quem ele é”. E a profissão é inerente à *persona* que cada um de nós será na vida. Esperamos ter ajudado, de alguma forma, nessa procura tão importante.

Cabe no final um agradecimento a Danilo Ponciano dos Santos, assistente informal e futuro economista, que se encarregou de preparar os gráficos, figuras, tabelas e quadros do livro, esperando que a leitura antecipada dos capítulos compense o esforço valioso feito por ele para nos ajudar.

Boa reflexão e sucesso a todos!

Os autores
Setembro de 2025

Amostra

Prefácio

Imagine-se em uma estrada que, de repente, se divide em dezenas de caminhos. Qual escolher? Nessas horas, informação faz toda a diferença. Este livro é como um mapa: revela um percurso fascinante — o da Economia — guiado por quem já trilhou essa jornada e conhece seus detalhes, desafios e conquistas.

Já adianto: economistas podem transformar a vida das pessoas — e a história está cheia de exemplos inspiradores. Na crise de 1929, empresas quebraram, milhões de pessoas perderam o emprego e famílias inteiras enfrentaram fome e desespero. Foi então que um economista (John M. Keynes) propôs uma solução para aquele cenário. Suas ideias ajudaram o mundo a virar a página da Grande Depressão.

No Brasil, a década de 1980 e o início dos anos 1990 foram marcados por uma inflação avassaladora. Os preços subiam em um único dia, o que sobem hoje em um ano. Era um tormento diário para toda a sociedade. Economistas criaram um plano e derrotaram o “dragão” da alta inflação.

Já nos anos 1990 e 2000, o país ainda convivia com índices alarmantes de pobreza extrema. Milhões de famílias não tinham sequer o mínimo de calorias garantido. Economistas ajudaram a

criar o Bolsa Família — e a vida de milhões de brasileiros mudou para melhor.

Mais recentemente, até 2020, o Brasil tinha muita gente desbancarizada, sem acesso a crédito em momentos de necessidade. A maioria dependia do dinheiro em papel e precisava ir até um caixa antes de qualquer compra. Então nasceu o Pix — e milhões passaram a ter um meio simples, rápido e gratuito de movimentar dinheiro. O resultado? Quase 100% da população adulta bancarizada, maior acesso ao crédito, mais liberdade e bem-estar social.

Não vou me alongar na lista, porque ela é enorme. No fim das contas, tudo se resume a isto: usar o conhecimento para melhorar a vida das pessoas. De fato, como ciência social, a Economia cobre um terreno vasto. São muitas áreas instigantes e as mais diversas possibilidades de atuação prática. Um economista pode investigar por que Luxemburgo, o país mais rico do mundo, tem renda *per capita* mais de 6,6 vezes maior que a do Brasil — ou mais de 200 vezes superior à do Sudão do Sul, o mais pobre. Ou, de forma mais ampla, por que o mundo é tão desigual entre países, regiões e pessoas. Mais do que entender, pode atuar para transformar essa realidade. Talvez essa seja a missão mais nobre da profissão: gerar desenvolvimento e abrir caminhos de progresso econômico e social.

Um economista pode focar em educação e descobrir que investir na primeira infância é, provavelmente, o melhor investimento que uma sociedade pode fazer. O talento nasce em todos os lugares, mas as oportunidades não. E talvez nada seja tão transformador quanto garantir um bom começo de vida para todas as crianças. (*Spoiler*: o Brasil ainda está longe de cumprir esse desafio.)

Um economista pode trabalhar com segurança pública — por exemplo, estudando como reorganizar a atuação das polícias ou a

reconfiguração de bairros. Moro no Rio de Janeiro e vi de perto uma intervenção recente, liderada por economistas, que fez uma enorme diferença: os crimes de rua caíram mais de 30% e os furtos, mais de 60%.

Um economista pode sentar-se ao lado de políticos para desenhar uma nova regra de reajuste do salário-mínimo. Já pensou que a renda de milhões de trabalhadores formais — e também de informais — pode depender desse trabalho? Ou criar políticas para estimular a concorrência no setor financeiro brasileiro, ainda muito concentrado em poucos bancos. Ou atuar no desenho de leilões de concessões de rodovias, frequências de celular ou energia elétrica, garantindo competição e preços mais justos para a população. Ou, ainda, desenvolver programas de combate às mudanças climáticas que afetam o futuro de todos nós.

Um economista pode enfrentar o impasse das elevadas taxas de juros no Brasil, que pioram as contas públicas, concentram renda, inibem o investimento e reduzem o crescimento econômico. Não à toa, o país cresce há 30 anos bem abaixo do que seria o anseio de qualquer cidadão. A um ritmo de 1,2% ao ano, o PIB *per capita* brasileiro levaria mais de 150 anos para alcançar o patamar atual de Luxemburgo. A boa notícia é que não precisamos esperar tanto: o esforço de economistas pode encurtar esse caminho.

Enfim, um economista pode analisar o impacto de muitas coisas: desde um programa educacional que amplia as escolas em tempo integral, passando por uma política de distribuição de remédios no SUS, ou os efeitos de um aumento do salário-mínimo no emprego de jovens — até, acredite, o impacto do *Tinder* na vida sexual das pessoas. Essas possibilidades (e aqui vai só uma pequena amostra)

mostram como a economia se conecta a quase tudo na vida em sociedade.

Você talvez já tenha ouvido a frase “*it’s the economy, stupid*”. Ela ficou famosa numa eleição nos EUA e resume uma verdade: em democracias, presidentes se reelegem quando a economia vai bem — e perdem quando vai mal. Isso acontece porque a economia mexe diretamente com a satisfação das pessoas — e essa satisfação se transforma em votos.

Além de decisiva para eleições, a economia também importa para a prática política. Como disse Keynes, um dos maiores da profissão, as ideias dos economistas “estejam certas ou erradas, são mais poderosas do que o homem comum pode imaginar. Os homens práticos, que se pensam isentos de qualquer influência intelectual, são, em geral, escravos do pensamento de algum defunto economista”.

Atenção, porém: essa é uma profissão que exige humildade. Ao contrário da física, que é uma ciência exata, lidamos com seres humanos — nosso “átomo” — que enfrentam limitações cognitivas, vivem sob incerteza, imitam comportamentos e, muitas vezes, não reagem como os modelos preveem. A Economia é, portanto, uma ciência social que navega em probabilidades, não em determinismos. Por isso, arrogância e economia não combinam.

Como disse certa vez um ex-ministro da Fazenda, a Economia, sem ser uma ciência exata, precisa ser uma casa ampla, acolhedora, generosa e tolerante, dando espaço razoável a todas as ideias. Toda crítica deve ser feita com humildade e alguma simpatia pelo pensamento do outro. Nem sempre o que vale em um país vale para outro. Tudo depende de muita coisa — e não existem verdades universais.

Por isso, a profissão tem se apoiado cada vez mais em dados. Hoje, o que move a economia são as evidências empíricas, que disciplinam nossos debates.

Se alguém afirma que “merenda escolar melhora o aprendizado dos alunos” ou que “apostas *online* aumentam a violência doméstica”, o economista vai buscar os dados e testar essas hipóteses. Evidências não são uma voz definitiva, até porque nossos dados não são perfeitos, nem nossos testes, mas elas reduzem a nossa incerteza.

Como esse livro deixa claro, as possibilidades são imensas. Formar-se em Economia abre portas em muitas áreas: setor público, empresas privadas, mercado financeiro, organismos internacionais, academia ou empresas de tecnologia — sem contar as múltiplas oportunidades de empreender.

Espero que este livro desperte no leitor a mesma paixão que me conquistou. Quando eu estava diante da minha encruzilhada de escolha, teria adorado ter um livro como este. Talvez minha decisão fosse a mesma — mas teria certamente sido mais fácil e prazeroso encarar a estrada pela frente. Que este livro seja o ponto de partida de um caminho capaz de transformar vidas — a começar pela sua. Aproveite cada página!

Setembro de 2025.

Ricardo Barboza

Head de Pesquisa Econômica do Nubank

PARA ENTENDER O MUNDO

“A História é a soma de tudo aquilo que poderia ter sido evitado”.
(Konrad Adenauer, ex-Primeiro Ministro alemão)

O ser humano tem uma curiosidade compreensível por muitas coisas ao mesmo tempo. É natural, por exemplo, querer saber como funciona o corpo humano. Um médico, nesse sentido, estará mais capacitado para entender o que lhe acontece se sofrer de alguma doença que uma pessoa que não tenha essa *expertise*.

Ao mesmo tempo, todos estamos imersos numa realidade global, que é natural que tenda a gerar um acompanhamento mais próximo por aqueles que seguem ou seguiram uma carreira universitária. Ou seja, uma pessoa analfabeta no interior da África, provavelmente, terá um interesse nulo em saber como está a economia dos EUA, mas um advogado francês morando em Paris, com parte do seu patrimônio investido no mercado acionário, dificilmente será indiferente ao noticiário acerca de se a economia mundial está “bombando” ou em depressão.

Nesse sentido, de certa forma, um economista tem uma facilidade maior para ter essa visão abrangente acerca do mundo, que outro tipo de profissional. Se tiver tido uma boa formação e, no exercício

da profissão, mantiver as “antenas ligadas” em relação ao contexto mundial, ele estará mais bem capacitado que, por exemplo, um profissional formado em Veterinária ou em Agronomia, tanto para entender os fatos atuais como resultado de eventos que ocorreram no passado, como para perceber as relações que se estabelecem contemporaneamente entre fatos diversos. Ou seja, para saber que, por exemplo, se há um conflito sério no Irã, isso possivelmente afetará o preço do petróleo e, em algum momento, o valor gasto para encher o tanque no posto de gasolina. Vale lembrar a máxima de Antonio Delfim Netto, o ex-Ministro que comandou a economia brasileira nos anos do chamado “milagre econômico” (1968/1973), que costumava dizer que “o bolso é a parte mais sensível do corpo humano”.

A frase do ex-Chancellor da Alemanha citada na epígrafe é uma lição amarga que se obtém da análise de diversos episódios históricos. Não há, por exemplo, como entender a Segunda Guerra Mundial (1939/1945) sem ligar suas origens às consequências do que aconteceu após o fim da Primeira Guerra (1914/1918). Ou, indo para um caso mais próximo geográfica e cronologicamente, não se pode entender o final do Governo militar na Argentina (1976/1983) sem perceber sua relação com o ato tresloucado da invasão pela Argentina das Ilhas Malvinas em 1982, que gerou a reação da Armada britânica, sob a liderança da então Primeira-Ministra Margareth Thatcher. Um economista com uma boa formação estará bem aparelhado para entender essas relações entre os fatos.

Neste capítulo, o leitor terá uma ideia mais aproximada de como a economia se relaciona com um conjunto de eventos que um ser humano pode ter certo interesse em compreender melhor. Entre

eles, os grandes acontecimentos dos últimos 100 anos; o fenômeno da inflação no mundo; a irrupção da China como potência cada vez mais importante a partir dos anos 70 do século passado; a relação entre a economia e uma das maiores transformações sociais ocorridas no século XX, que foi a maior participação das mulheres no mercado de trabalho; os vínculos estreitos entre a economia e a demografia; e o contexto regional, que naturalmente é acompanhado mais de perto pelos brasileiros que o que ocorre em países distantes da nossa realidade, no interior da África ou da Ásia.

Os grandes eventos

William Faulkner, o grande escritor norte-americano, dizia que “para entender o mundo, você tem que entender um lugar como o Mississippi”. Parodiando Faulkner, poderíamos dizer que “para entender o que ocorre hoje, você precisa entender o que aconteceu há 50 anos”. Num mundo cada vez mais complexo, onde os eventos se sucedem a uma velocidade cada vez maior, é difícil selecionar alguns fatos que se destaquem mais do que outros e, certamente, cada indivíduo terá sua apreciação subjetiva específica acerca do conceito do que seja “mais importante”, mas é razoável que uma lista dos 10 acontecimentos mais marcantes pelas suas consequências no decorrer dos últimos 100 anos inclua a relação listada no Quadro 1.1.¹

Quadro 1.1

Grandes episódios dos últimos 100 anos

Ano	Evento
1929	<i>Crack</i> da Bolsa de Nova Iorque e crise de 1930
1939/1945	Segunda Guerra Mundial
1971	Fim conversibilidade dólar-ouro
1973	Primeiro choque do petróleo
1979	Segundo choque do petróleo
1989	Queda Muro de Berlim
2002	Entrada em circulação do euro
2008	Crise do subprime/Quebra da Lehman Brothers
2020	Pandemia COVID-19
2022	Guerra Ucrânia

Fonte: Elaboração própria.

A queda da Bolsa de Nova Iorque no final de 1929 originou a “crise de 30”, que teve a dimensão de uma espécie de “bomba atômica” sobre a economia mundial, com efeitos de irradiação que se propagaram pelos mais diversos países e por muitos anos depois. A Segunda Guerra Mundial dispensa comentários, pela sua transcendência.² A decisão do então Presidente Richard Nixon de desvincular o dólar do ouro em 1971 teve efeitos que explicam a inflação dos anos 70 e a violenta alta dos juros nos EUA, quase 10 anos depois. Os dois choques do petróleo de 1973 e 1979 detonaram reverberações que se espalharam, literalmente, pelo mundo inteiro, dada a intensidade de uso do produto em todas as economias do mundo. A queda do Muro de Berlim em 1989 gerou uma nova reconfiguração mundial. O início do euro em 2002 representou o mais importante desafio à hegemonia do dólar nos séculos XX e XXI. A crise do *subprime* nos EUA em 2008, que culminou na quebra do *Lehman Brothers*, elevou o risco de ocorrer uma crise sistêmica similar à crise da década de 30, com efeitos possivelmente

piores, devido à maior interconexão moderna entre as diversas economias do mundo. A pandemia em 2020 trouxe uma ameaça existencial para a espécie humana e uma devastação que acarretou o encolhimento temporário do tamanho da economia de quase todos os países do mundo. E a Guerra da Ucrânia, iniciada em 2022, potencializando problemas que vinham se arrastando na economia mundial desde a eclosão da citada pandemia e levou a inflação nas economias industrializadas a níveis como não se via desde a década de 1970.

Por sua vez, todos esses fenômenos tiveram suas influências econômicas. A crise de 1929 teve sua origem numa super acumulação prévia. A Segunda Guerra Mundial teve entre suas raízes mais profundas e longínquas as feridas deixadas pelas reparações de guerra exigidas da Alemanha após 1918 e o empobrecimento trazido pela hiperinflação alemã de 1922. A decisão de Nixon de 1971 referente à paridade com o dólar se explica em parte pela inflação que tinha se acumulado nos anos anteriores e pelas pressões cambiais vindas da Europa. O primeiro choque do petróleo se explica como resultado da formação de um típico oligopólio, como o composto pelos países produtores de petróleo (OPEP), ao passo que o segundo é resultado da guerra entre dois produtores importantes do bem (Iraque e Irã). A queda do império soviético decorre das consequências da longa crise das economias socialistas, *vis a vis* a pujança das economias capitalistas. O euro foi o resultado da integração econômica crescente dos países da Europa Ocidental no pós-guerra. A crise de 2008 resultou de inovações financeiras, combinadas com falhas regulatórias, que levaram ao colapso do *subprime*. A pandemia talvez seja o único desses eventos que, embora tendo consequências

econômicas poderosas, teve sua origem num fato eminentemente não econômico, ligado a causas naturais. Por fim, a guerra da Ucrânia é, de alguma forma, um efeito defasado da queda do muro de Berlim e da frustração da liderança russa com os desdobramentos do fim da Guerra Fria.³

Nessas idas e vindas da História, a economia mundial, depois de 1950, teve o seu tamanho multiplicado por 16, que é o número inteiro que se encontra quando se compõem as taxas mostradas na Tabela 1.1. Ou seja, se o mundo produzia 100 em 1950, hoje produz em torno de 1.600, o que explica a dimensão do desafio ao meio ambiente que isso significa, com a necessidade de produzir mais, consumir mais, ter mais gente morando nas cidades, utilizando energia muitas vezes poluente, etc.

Tabela 1.1
Taxas de crescimento da economia mundial 1950/2024 (% a.a.)

Período	Taxas médias de crescimento
1950/1960	4,2
1960/1970	4,8
1970/1980	3,9
1980/1990	3,4
1990/2000	3,6
2000/2010	3,7
2010/2020	2,8
2020/2024	4,2

Fontes: Para 1950/1960, Maddison, A., "Economic Growth in the West – The Twentieth Century", Fund, 1964, p. 28. Para os demais anos, FMI.

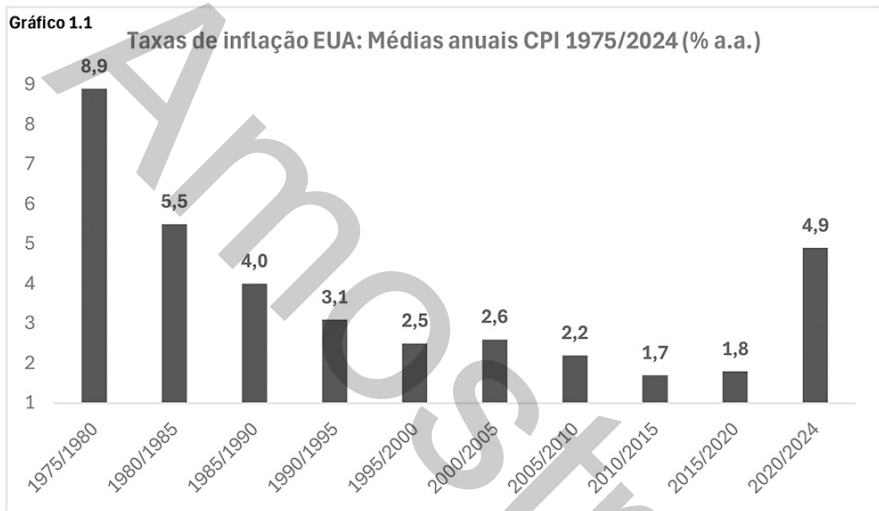
Tais questões podem interessar, como cidadão, a um profissional da área médica ou a um artista, para citar duas áreas diferentes, mas certamente eles não estarão aparelhados para uma melhor compreensão da natureza das questões como quem se forma numa carreira como a de Economia.

A inflação

Na época em que os autores deste livro estudavam na Faculdade, o conceito de “inflação internacional” associado à variação anual dos preços nos EUA, como país emissor da moeda internacional por excelência — o dólar — era da ordem de 4% a 5%. Num país com uma inflação altíssima, de, por exemplo, 10 % ao mês, como o Brasil chegou a ter uma época, o poder aquisitivo da moeda se deprecia em torno de 9% ao mês — já que uma unidade monetária, um mês depois, só compra 91% do que podia comprar um mês antes. Num país com inflação baixa, esse processo se dá em escala muito mais lenta, mas ele ocorre também. Com uma inflação anual de 5%, US\$ 100 dólares mantidos no bolso, um ano depois, só compram 95,2% dos produtos que a mesma nota poderia comprar um ano antes. É por isso que, quando se lê algo como “o estúdio X ganhou 1,2 milhões de dólares pelo filme feito em 1973” é preciso lembrar que 1,2 milhões de dólares daquela época valiam muito mais, em termos reais, que essa mesma quantia hoje. Um exemplo mais recente pode ajudar a compreender esse impacto no dia a dia. Pensemos numa assinatura de *streaming* que custasse US\$ 5 nos EUA numa determinada época e que dois anos depois custasse R\$ 6 – ou seja, com um aumento nominal de 20%. Se o salário do trabalhador aumentou a uma taxa acumulada de apenas 12%, digamos, no período, esse aumento da assinatura irá “doer no bolso” mais do que antes.

O Gráfico 1.1 dá uma ideia desse processo ao longo do tempo. Um aviso: essa inflação, acumulada em 49 anos, corresponde à taxa de, 486%. Em outras palavras, isso significa que, em média, o que

valia US\$ 100 em 1975, valia US\$ 586 em 2024. Em outras palavras, por exemplo, se uma pessoa, hipoteticamente, aos 20 anos, tinha um salário de US\$ 1.000 nos EUA em 1975 e de \$2.930 em 2024, se aos 69 anos ainda estivesse na ativa, ela podia estar ganhando, nominalmente, quase o triplo que antes, mas a rigor o seu poder aquisitivo teria caído 50% em termos reais nesse período.



Fonte: Bureau of Labor Statistics – Department of Labor EUA.

É essa familiaridade com os processos históricos e também com os números que deveria representar uma vantagem comparativa para quem exerce a função de economista. Voltaremos a estes temas — processos históricos e facilidade para lidar com números — várias vezes ao longo deste livro.